

## A Análise da opressão em Simone Weil

### The Analysis of oppression in Simone Weil

*Gustavo Henrique Custódio da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar a análise da opressão que Simone Weil faz do contexto europeu do século XX bem como uma possível solução proposta pela a autora para a superação da mesma. Weil identifica que toda sociedade é marcada por um sistema de forças, que resulta em um desacordo moral que acarreta em guerras e opressão. Esse desacordo moral decorre do que ela chama de inflação do “EU”. Além disso, a recusa à atenção para com o outro resulta em uma negação radical da vida. Isso ocorre devido a busca pelo poder nas relações humanas que desconsidera o bem da humanidade.

**Palavras-chave:** Força. Opressão. “Eu”. Poder. Atenção.

#### INTRODUÇÃO

O contexto em que vivemos se apresenta marcado por uma certa despreocupação com a dignidade da vida humana. A existência em todos os âmbitos da opressão dos mais fortes para com os mais fracos, a falta de empatia para com o sofrimento do outro, a vida política centralizada na força. Além disso, a busca desesperada pelo dinheiro e a exploração no mundo do trabalho marcam a nossa contemporaneidade. Nesse sentido, a arena pública é assolada por conflitos, morte, guerras, desumanização. As pessoas em algumas situações vêm se tornando simples objetos manipuláveis. E é esse tipo de situação que conclama incessantemente a atenção do discurso ético contemporâneo.

O texto a seguir tem como objetivo investigar a análise que Simone Weil faz da opressão no século XX e, a partir disso, tentar encontrar luzes para a superação de tal situação.

Simone Weil afirma que toda sociedade é marcada por um sistema de forças, pela busca do poder, pela centralização do “EU” e pela negação do outro. Esta estrutura de sociedade, segundo ela, resulta em um grande desacordo moral que acarreta guerras, opressão e caos.

Assim, com o objetivo de apresentar a análise que Simone Weil faz da opressão existente no século XX, discutiremos como as relações de forças na sociedade, a busca pelo poder e a centralização do “EU” na filosofia weiliana pode levar a uma sociedade da opressão e da negação do outro. Nesse sentido, apresentaremos também uma possível solução proposta pela a autora para a superação da opressão na sociedade.

---

<sup>1</sup> Bacharel em teologia (FAJE), mestrando em Filosofia pela mesma instituição, na linha de pesquisa de Ética, Filosofia Política e Sociedade. Nascido dia 14 de Novembro de 1996. E-mail: [gustavobh12@hotmail.com](mailto:gustavobh12@hotmail.com).

## 1 SIMONE WEIL

Nascida em Paris no dia 3 de fevereiro de 1909, filha de Dr Bernard Weil e de sua mãe, Selma Weil, família de tradição judaica, mas com fortes influências agnósticas, Simone Weil será desde pequena fascinada pela busca da verdade e da solidariedade com o outro (BOSI, 1982, p.8).

Inserida na tradição filosófica proveniente da escola francesa do início do século XX, sua reflexão foi elaborada em um período muito turbulento no mundo. Ela nasceu pouco antes do início da primeira guerra mundial e morreu durante a segunda guerra. Em consequência, seu pensamento encontra-se em meio a duas catástrofes mundiais, momento em que a barbárie e o sofrimento apresentaram-se explicitamente destruindo grande parte da humanidade. Deve-se levar em consideração também o sistema industrial vigente em sua época que, por desejo desenfreado por lucro, não levava em consideração a dignidade da vida humana. Por isso, não é de se assustar que seus escritos nos mostram um forte comprometimento social, sobretudo na defesa dos oprimidos.

Sua vida foi marcada por buscas que a fizeram trilhar caminhos não convencionais para sua época. Ela viveu em um contexto marcado por intensos movimentos sociais de luta por melhores condições de trabalho e, por seu sentimento de solidariedade, participou de várias lutas sindicais. É preciso ressaltar que Simone Weil lutou na Guerra civil espanhola (1936-1939), participou ativamente da Resistência Francesa em Londres durante a segunda guerra e, posteriormente, ao invés de dedicar-se a lecionar Filosofia, renunciou à sua profissão para viver uma experiência junto com os operários da Renault, pois queria sentir na pele os sofrimentos impostos pela modernidade (CHÁVES, 2018, p.10).

De forma resumida, sua vida inteira foi de incansável reflexão, ação e constante desprendimento do “Eu”. Ela viveu em prol do comprometimento com as pessoas que viviam uma vida marginalizada socialmente e sob o signo da opressão, em um contexto encarnado na miséria da existência humana, da opressão, da barbárie e do sofrimento.

É diante desse contexto que Weil se propôs à difícil tarefa de refletir sobre a realidade, no intuito de entender as raízes que causam a opressão dentro da sociedade e a pensar uma maneira de superar essa situação.

Por viver num contexto marcado pela busca do poder, do “Eu” e da negação para com o outro, Weil identifica que toda a sociedade é marcada por um sistema de forças, resultando em um grande desacordo moral que acarreta guerras, opressão e caos.

Ela iniciará, então, uma investigação sobre as raízes históricas desse fenômeno para compreender essa realidade.

Segundo Bordin (1994), depois de ter presenciado, durante a guerra civil espanhola, cenas de crueldade, de indiferença e até de aprovação das atrocidades, Weil, para melhor elucidar a causa da opressão, começou a refletir criticamente sobre a noção de força e poder,

e essas noções tornaram-se, desde então, uma chave de leitura para o entendimento dos fenômenos sociais.

## 2 AS RELAÇÕES DE FORÇAS E A BUSCA PELO PODER

Bordin (1994) reconhece que em Simone Weil as raízes dos problemas éticos do século XX estão nas relações de força entre os seres humanos. Além disso, deve-se levar em consideração o sistema industrial do seu tempo que, por desejo desenfreado por poder e capital, não levava em consideração o bem da humanidade. Simone Weil percebe que esse sistema era, desde o início, o obstáculo da humanização.

A Europa do século XX passava por um momento muito turbulento. Além das grandes guerras que aniquilavam grande parte da humanidade, o projeto industrial, que tinha em vista a alta escala de produção, desconsiderava-se todo tipo de justiça, igualdade e dignidade em relação à vida humana, fazendo predominar na sociedade um grande sistema de opressão nascido das relações de forças entre os seres humanos e a busca pelo poder.

Para Simone Weil, o que leva o indivíduo a esse estado de opressão é o afastamento do seu modo primitivo de natureza em direção a uma complexificação da vida social que o faz aprisionar-se, alienar-se, e ainda por fim, a arruinar-se (OLIVEIRA, 2012, p.11). Neste aspecto, Weil, nos seus estudos, se dedica a explicitar as causas da opressão social como sendo o resultado da busca pelo poder do “Eu” inflacionado e das relações de forças entre os seres humanos.

Na perspectiva weiliana, a opressão social começa a se formar dentro dos pequenos grupos sociais. Isso porque a própria luta pela sobrevivência acaba naturalmente promovendo a concorrência. Nesse sentido, a concorrência humana leva, por consequência, à separação dos indivíduos e isso também contribui para que os mais aptos se sobreponham aos outros, gerando assim, a opressão (OLIVEIRA, 2012, p.11). Ou seja, querendo ou não, surge a opressão, e seu fundamento se dá justamente na separação entre aqueles que comandam e aqueles que executam, devido à busca incansável pelo poder proveniente das relações de forças entre os seres humanos. Ela mostra em seus estudos como isso acontece no mundo do trabalho, o qual é responsável por regular toda a sociedade europeia do séc. XX.

Para Weil, “na divisão do trabalho entre aqueles que comandam e aqueles que executam está o fundamento da opressão” (WEIL, 1979, p. 239).

Isso ocorre porque o ser humano, depois de conseguir dominar as principais ferramentas de trabalho, passa a querer dominar os animais. Após essa conquista, ele chega ao extremo dos domínios que é a dominação do homem pelo homem. E é nesse estágio que nasce a opressão social (OLIVEIRA, 2012, p.12).

Na sociedade em que Simone Weil vivia, oprimir o outro era um significado para a própria sobrevivência, e tudo isso “[...] se resume à questão do poder” (WEIL, 2011, p. 91).

Ou seja, o poder estabelece a diferença entre aqueles que mandam e aqueles que obedecem e, deste modo, separa os indivíduos, constituindo o que chamamos de classes. Essa conjuntura só reforça as relações de forças dentro da sociedade.

Nesse sentido, o poder e as relações de forças entre os indivíduos são a regulação do sistema de opressão. O poder constitui a relação de governos, de movimentos, e até mesmo sistemas nos quais os indivíduos estão inseridos, que se fazem mandantes ou, então, seres obedientes. Ou seja, o poder é responsável por regular o meio social e, conforme a necessidade, o mesmo é substituído (OLIVEIRA, 2012, p.13).

Sendo assim: “Conservar o poder é para os poderosos, uma necessidade vital, visto que é seu poder que os alimenta” (WEIL, 1979, p. 258).

Da mesma forma, no que tange ao mundo do trabalho:

A força que a burguesia possui para explorar e oprimir os operários está nos próprios fundamentos da vida social, e não pode ser anulada por nenhuma transformação política e jurídica. Essa força é inicial, e essencialmente o próprio regime da produção moderna, isto é, a grande indústria (WEIL, 1979, p.238).

No texto *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*, Simone Weil analisa o conceito de poder como uma força de opressão do ser humano. Na realidade, os homens estão submetidos ao poder da sociedade que eles mesmos formam com seus semelhantes (MARIZ, 2015, p.95). Ela explica que essa opressão é decorrente das condições objetivas e materiais que constituem a organização social, como a existência de privilégios presentes, a exemplo dos monopólios no domínio da técnica pelos profissionais especializados. É nesse sentido também que Simone Weil percebe que, enquanto as causas que geram a opressão não são aniquiladas, não é possível eliminá-la. “Não se pode suprimir a opressão enquanto subsistirem as causas que a tornam inevitável, e que essas causas estão nas condições objetivas, isto é, materiais, da organização social.” (WEIL, 1979, p.251).

Na sua perspectiva, o grande problema na sociedade se refere ao fato de que sempre existe a relação de força entre os homens e a dependência de um poder superior que tem como objetivo a opressão. Para Weil, a regulação e a necessidade de um poder só se tornam válidas quando o mesmo assume um papel de atenção às necessidades das pessoas, caso contrário, torna-se um sistema de opressão (OLIVEIRA, 2012, p.13).

O que precisamos entender é que a opressão se faz presente quando os indivíduos confundem a função do poder e aplicam a força para interferir e regular diretamente as suas vidas e as vidas de outrem.

A desigualdade, portanto, surge como uma luta pelo poder expressa nas relações de forças entre os seres humanos, na tentativa de sua manutenção voltada contra os rivais e

contra os oprimidos, produzindo o monopólio de alguns que passam a dispor do destino daqueles de quem dependem, perecendo aí a igualdade (LEITE, 2004, p.80).

Um exemplo claro disso é o que a própria Simone Weil nos apresenta, ao falar dos privilégios de alguns em detrimento de outros, referindo-se aos ritos religiosos que, para ela, são o espaço de inauguração do privilégio dos sacerdotes que hoje são substituídos pelos cientistas e pelos técnicos. Da mesma forma, a presença da moeda nas relações de troca entre os homens confere aos especialistas na organização das trocas o privilégio de prover-se, para viver, dos frutos do trabalho de outrem, e privar os produtores do indispensável (WEIL, 1979, 257).

Assim, conforme cada especialidade, surge também uma espécie de domínio. E na medida em que se exerce esse poder, acontece também a separação que gera a opressão e ao mesmo tempo vai surgindo a dominação de uns que acaba se exercendo sobre outros, criando-se, nesse nível, o poder que é gerado e praticado de várias formas dentro da sociedade (OLIVEIRA, 2012, p.13).

Segundo a filósofa, as relações entre os homens são sempre relações de força e tal fator é responsável pela privação de justiça, amor e atenção na sociedade. Para ela, na ausência desses valores básicos, as relações humanas se reduzem a uma questão de poder. E este é, essencialmente, o elemento capaz de colocar o homem numa corrida desmedida e ilimitada por busca de mais poder.

Cabe então, segundo Weil, criar uma revolução para transformar essas relações de forças, capazes de produzir uma inversão que afaste cada vez mais o homem do hábito opressor.

### 3 A OPRESSÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Simone Weil também fará uma reflexão acerca da opressão no mundo do trabalho e da condição operária. Para ela, o trabalho, quando mal exercido, ao invés de tornar-se algo dignificante para a elevação do ser, torna-se para o indivíduo um grande fardo, que o leva a um determinado modo de opressão. Nesse sentido, o trabalho mostra a sua face opressora na medida em que o homem se torna dependente dele e, mais do que isso, torna-se o seu escravo. Sobretudo quando o trabalho faz sentir de maneira fatigante o fenômeno da finalidade disparada como uma bala: trabalhar para comer, comer para trabalhar. Ou seja, torna-se uma ação mecânica que leva o indivíduo à alienação, pois o mesmo se escraviza dentro de um ciclo vicioso (OLIVEIRA, 2012, p.12).

Outro problema que se deve levar em consideração é se o trabalho deve ser encarado como um meio ou como um fim, na medida em que sacrifica a vida humana por coisas que não constituem senão meios de viver melhor. Nesse caso a opressão acontece, pois utiliza-se do outro para a satisfação dos desejos alheios<sup>2</sup>.

2 Nesse caso o outro é o trabalhador oprimido que se torna uma engrenagem importante para que assim os outros possam crescer através dele.

Podemos notar que, nas sociedades pré-modernas, o homem não era escravo de nada, pois era livre para produzir o seu próprio alimento e viver simplesmente daquilo que plantou. Nesse caso, o homem simplesmente buscava aquilo que era necessário para a sua sobrevivência e nada mais do que isso.

A vida primitiva é algo facilmente compreensível; o homem é aguçado pela fome, ou pelo menos pelo próprio pensamento lancinante de que logo será tomado pela fome, e parte em busca de alimento; ele treme sob o império do frio, ou ao menos pelo raciocínio de que logo terá frio, e procura coisas boas para criar ou conservar o calor; e assim por diante (WEIL, 2001, p.104). De uma maneira simples, no modo de vida primitivo, o homem seguia o seu instinto, buscava na simplicidade recursos para sua sobrevivência, como o alimento para si e para os seus e nada mais do que isso.

O que Weil percebe é que, entre todas as formas de organização social que a história apresenta, as poucas que se apresentam isentas de opressão, todas correspondem a um nível extremamente baixo de produção, de modo que a divisão do trabalho nesse caso é desconhecida, pois cada família produz o que precisa para consumir. Ao passo que, na sociedade industrial, ao invés do homem ser esmagado pela natureza, ele é esmagado pelo próprio homem (WEIL, 1979, p,255).

Sendo assim, o homem moderno, ao se libertar das forças naturais pelo progresso e a técnica, acaba criando a opressão do homem pelo homem que, transformando-o em uma máquina, faz dele um mero objeto que lida com os outros objetos que o cercam (OLIVEIRA, 2012, p.16). E a divisão do trabalho reforça ainda mais o sistema de opressão, pois trata-se de uma repartição política entre os que comandam e os que executam.

Os indivíduos passam a se sobrepor uns sobre os outros de uma maneira que o domínio seja a voz e a própria vez do controle. Alguns se intitulam com mais poder que outros e aqueles considerados mais fracos trabalham para os mais fortes, perdendo cada vez mais o sentido de coletividade e desenvolvendo a incessante busca pelo poder.

Para Weil, enquanto os processos do trabalho e da luta deram a alguns um poder discricionário sobre as massas, e enquanto a sociedade estiver dividida em homens que ordenam e homens que executam, toda a vida social continuará fadada ao sistema de opressão, pois os poderosos continuarão obtendo aquilo que querem, seja pela persuasão ou pela força, mantendo então, a opressão na sociedade.

#### **4 A INFLAÇÃO DO “EU” COMO FUNDAMENTO DA OPRESSÃO**

Na reflexão sobre o inflacionamento do “Eu” é preciso considerar que, para Weil, o conceito de força e poder são fundamentais para entendermos o motivo pelo qual o “Eu” se infla sem qualquer limite (LARRAURI, 2011, p. 20).

Em um mundo que não conhece a justiça, as relações de força estão sempre em desequilíbrio. Diante desse cenário, fazem-se presentes as frustrações, as carências e as ansiedades, que a imaginação procura compensar. O grande problema é que a imaginação ignora os limites da condição humana, dispõe de uma capacidade de construção ilimitada, mas pode facilmente favorecer projeções imaginárias do eu, que pode levar a idolatrias e delírios, fortalecendo ainda mais a vontade de poder (BORDIN, 1995, p.17). Entende-se por idolatria a ação que faz com que cada bem relativo seja pensado e amado como se fosse um bem absoluto (BORDIN, 1995, p.17). E desses ídolos, na filosofia weiliana, o mais perigoso é o nosso próprio “eu”, como suas projeções e identificações (WEIL, 1988, p.402).

Segundo Weil, o desacordo moral presente no contexto europeu do século XX decorre também do que ela chama de inflação do “Eu” e de uma recusa à atenção para com o outro, que não é um objeto a ser moldado e manipulável, mas é um ser humano que possui vida e dignidade. Nesse sentido, o grande problema da exploração de outro ser humano está na tendência da pessoa se achar o centro do mundo, no qual o “Eu” se incha sem qualquer limite (LARRAURI, 2011, p. 20). E quando ocorre a inflação do “Eu”, automaticamente falta espaço para que se pense no outro. Nesse caso, as relações humanas se tornam relações desiguais entre opressor e oprimido, superior e subordinado.

Como consequência disso, na sociedade, o que vale não são mais os bens sociais, mas os desejos individuais ocasionados pela inflação do “Eu”, que resulta no esquecimento do outro. Assim temos, como resultado, uma sociedade egoísta e injusta, fadada à negação do outro.

Nessa mesma lógica, o desejo humano, enquanto energia e potência do eu, pode sim, ajudar a conseguir o bem, o equilíbrio e a verdade. Quando acumulado de riqueza, poder, carreira, luxo etc., pode favorecer a presunção, o delírio de onipotência e, na medida em que promove uma expansão do “Eu”, tende a degradar-se em força coercitiva e violência (BORDIN, 1995, p.17).

Em contraposição a essa maneira de existir, Weil nos propõe o desinflacionamento do “Eu” para um caminho de reapropriação do outro.

Nesse sentido, Weil nos convida a despojar-se do “Eu” para que haja espaço suficiente para o outro. Essa atitude traduz-se em um olhar para o mundo e para os outros que afasta para longe os demais modos de olhar, nascidos das relações de força (LARRAURI, 2011, p.83).

## 5 SUPERANDO A OPRESSÃO

Atenção, amor e justiça para com o outro são temas chaves na filosofia weiliana para superar a condição de opressão.

Simone Weil entende que é por causa da ausência de uma “sociedade da atenção” que temos como resultado a condição de fragmentação dos princípios éticos e um esquecimento do outro que sofre. Diante disso, sua proposta para a superação da opressão é que a sociedade

seja pautada na atenção, amor e justiça, em contraposição a uma sociedade baseada nos sistemas de força e opressão.

Para Weil, a sociedade precisa de ordem, mas não de uma ordem baseada na força, e sim de uma ordem baseada na atenção às necessidades das pessoas (MAIA, 2009, p.30). Ou seja, uma ordem que seja capaz de gerar um sistema de obrigações que organize as relações humanas. Se a sociedade estava marcada pelo esquecimento do outro, Weil propõe um caminho de memória e afirmação do outro.

Na tentativa de superar a opressão, o conceito de atenção é a chave fundamental de todo o processo, pois, para Weil, é somente quando estamos predispostos à atenção é que algo nos impele a amar o que nos rodeia (LARRAURI, 2011, p. 24). Ou seja, será somente a partir da categoria de atenção que para Simone é possível pensar o amor, na medida em que a atenção tem o potencial de se direcionar ao próximo que sofre na sociedade (MARTINS, 2013, p.197-198).

Assim, “a plenitude do amor ao próximo é simplesmente ser capaz de lhe perguntar: Qual é o teu tormento?” (WEIL, 2005, p. 105). E é a partir dessa pergunta que surge também o conceito de justiça em Simone Weil, para quem somente uma identificação absoluta entre justiça e amor torna possível, de um lado, a compaixão e a gratuidade, e de outro, o respeito e a dignidade da infelicidade no desventurado por si mesmo e pelo outro (MARTINS, 2013, p.230).

No conceito de justiça, é impossível não falarmos da igualdade. Para Weil, se uma pessoa tem mais poder do que outra, não pode existir nem justiça nem amor, pois quem ajuda e quem é ajudado precisam estar em um mesmo nível de relação (MARTINS, 2013, p. 231-232). Pois é somente pela igualdade, pelo amor e pela atenção que é possível aniquilar a opressão.

## CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que a vida de Simone Weil foi inteiramente dedicada a entender e superar a opressão dentro da sociedade, o que a levou a mergulhar no interior das fábricas do século XX para sentir na pele o sofrimento dos que sofrem, e para refletir sobre uma futura sociedade que seja pautada na atenção, no amor e na justiça como via de abertura ao outro, em contraposição a uma sociedade de exploração.

Sendo assim, apresentamos, em um primeiro momento, uma breve análise da opressão vigente no contexto europeu no século XX. Weil declara ser a opressão social decorrente de um desacordo moral na sociedade proveniente das relações das forças entre os seres humanos, pela busca incansável do poder e pela inflação do “Eu” em detrimento do outro que sofre.

A partir dessa análise, Simone nos apresenta os fundamentos da opressão que, segundo ela, precisam ser superados por uma ética que tem em vista uma sociedade pautada na atenção, no amor e na justiça.



Partindo desse pressuposto, foi apresentada também, de maneira breve, uma possível solução para o problema da opressão com base na ética weiliana, tendo em vista uma sociedade mais justa e igualitária, fundamentada nos conceitos de atenção, amor e justiça.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. *Simone Weil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHÁVEZ, Eliana. *Reflexão e ação na filosofia de Simone Weil*. 2018. Monografia (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Presbiteriana Mazkenzie Centro de Educação, Filosofia E Teologia, São Paulo, 2018.
- LARRAURI, Maite. *A guerra aegundo Simone Weil*. São Paulo: Principis, 2011.
- LEITE, José Vieira. Contemplativo na ação: notas sobre a questão do sentido no trabalho contemporâneo. *Revista Opus Magis*, Centro Loyola de Fé e Cultura. PUC – Rio. Número 2, Janeiro – 2004.
- MAIA, Thaís Lemos de Oliveira. *Simone Weil: pensamento moderno e razão supranatural*. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- MARIZ, Déborah. Considerações acerca do conceito de poder no pensamento de Simone Weil e de Hannah Arendt. *Outra Margem Revista de Filosofia*, Ano 2, p. 93-103 (2015).
- MARTINS, A. Alexandre. *A Pobreza e Graça*. Experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil. São Paulo: Paulus, 2013.
- OLIVEIRA, Gustavo M. *Opressão e liberdade: Uma aproximação ao pensamento de Simone Weil* (16 de janeiro de 2016). Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/opressao-e-liberdade-uma-aproximacao-ao-pensamento-de-simone-weil/139519>. Acesso em 03 jun. 2022.
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WEIL, Simone. *Opressão e liberdade*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- WEIL, Simone. *Oppression et liberté*, Paris: Gallimard, 1955.
- WEIL, Simone. *O enraizamento*. Lisboa: Relógio d'água, 2014.
- Weil, Simone. *Pela supressão dos partidos políticos*. Belo Horizonte: Ayine, 2016.
- WEIL, Simone . *Quaderni*, Milano: Adelphi, vol, III, 1998.